

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030711

O Natal e os presepios de outrora

O Estado

CAMPINAS, 24.

Em pleno Natal. E' esta a phase do anno, tradicionalmente festiva, em que se commemora o suave episodio do naselmento de Jesus, entre solennidades attrahentes em toda a parte da terra christan. Por este tempo, ha meio seculo, ou mais, nesta cidade, a pequena Campinas, as ruas, communmente pouco movimentadas, quasi desertas se enchem de transeuntes. Os fazendeiros, com suas familias, despojavam-se em trollys, em bangués, ou a cavallo, procurando a alegremente. Deixavam as suas lavouras, afim de aqui passarem o Natal, o Anno Bom e Reis, "festando", como se dizia.

As suas casas, que se conservavam fechadas durante mezes, eram, então, abertas todas por essa época, notando-se em tudo uma alegria san, dentro daquelles antigos usos e costumes, tão simples e tão diversos daquelles que hoje se observam.

— Boas festas! Boas festas!

— Boas festas! Eram estes os cumprimentos reciprocos e affectivos trocados entre as pessoas, quando se encontravam.

Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade! Taes palavras formavam um cantico expressivo, que ainda e sempre será ouvido em todo o mundo.

O Natal, pois, representa para nós campineiros uma das notas mais saudosas e tradicionais da nossa historia local.

Aos antigos usos e costumes, prendem-se os presepios, como uma demonstração publica do espirito religioso dos nossos antepassados. Eram armados em diversas casas de familias. As crianças de outrora, que, satisfeitas, se extasiavam ante os artefactos dos presepios, transformaram-se em velhos que agora carregam, resignadamente, o pesado fardo dos janelos: venerandos chefes de familias, lavradores, commerciantes, jornalistas, politicos, advogados, artistas, etc. Alguns subiram os degraus das posi-

ções sociaes ficando mais em evidencia. Outros, por não encontrarem degraus para subir, ficaram "marcando passo".

Essas crianças tiveram seus dias felizes no bonançoso aconchego do lar, ouvindo historias e conselhos paternos, ou sentindo, uma ou outra vez, o ardor de uma "sapêca" de chinelos em boa hora applicada.

Quanto contentamento lhes dansava no espirito diante de um presepio! Que chuveiro de perguntas á mamãe, que os conduzia, a proposito de tudo que viam allí, e que os deslumbrava!

Os presepios eram armados (um dos mais antigos) na matriz Velha e em diferentes casas de familias. As salas, onde elles se ostentavam, ficavam repletas durante horas da noite, desde a do Natal até a de Reis. Parecia aquillo tudo o cumprimento de alguma promessa feita por seus organisadores, pois, annualmente, não faltavam os presepios, sempre nas mesmas casas.

O da matriz velha (Santa Cruz) não pertencia ao numero dos mais apparatusos e ficava na capella-mór, illuminado com algumas velas de cera, cuja claridade não podia ser classificada de deslumbrante. Era trabalho modesto do respectivo sacristão, um bom velho muito conhecido por — Nhô Jorge.

Outro erguia-se na residencia da familia Monteiro, á rua Direita (Barão de Jaguará) onde hoje se acha o sobrado sede da associação Cirurgões Dentistas. Este presepio caprichosamente armado por um moço — Manuel Francisco Monteiro, vulgo, Nhô Né, mereceu ha poucos dias uma noticia historica tracada pela penna brilhante de Guilherme de Almeida, e estampada na revista "Mascotte", desta cidade.

Havia o da casa de (d. Anna de Frias, á rua do Commercio, (dr. Quirino), esquina da Gal. Osorio, no ponto onde está a loja das Casas Pernambucanas. Era dos mais bonitos.

Outro, apontado como coisa bem acabada, era o do Joaquim Roberto Alves, numa casa depois demolida, á rua Formosa (Conceição) em frente á actual praça do Jardim Carlos Gomes. Collaborava efficientemente na colleção do presepio o joven Adão Hoffmann, muito curioso em coisas de mecanica, e não era

alheio ao arranjo do presepio, um ou outro parecer do alado muito moço Antonio B. Castro Mendes proprietario da então, incipiente casa "Livro Azul".

Outros ainda attrahiam a visitação publica, taes eram o do considerado armador José Pinto Nunes, á rua Regente Feijó; o do moço Manuel A. de Barros Cruz (Maneco Cruz) á rua do Sacramento, fundos do edificio do Club Campinas; o do musico Joaquim Monteiro, á rua da Cadeia (Bernardino de Campos) em frente ao Collegio Florence; mais tarde, o do Adão Hoffmann á rua Visconde do Rio Branco, e outros dessas eras, que a acção do tempo nos apagou da memoria.

Verdadeiramente originaes esses quadros, onde ao lado das figuras biblicas, dos pastoresinhos, dos Magos Gaspar, Melchior e Balthazar, cavalgando camellos, avistavam-se frades, figuras de sobrecasacas, chapéus altos, estradas de ferro, monjolos, chafarizes com repuxos a esgulcharem agua de verdade; no alto, ao fundo as casinhas de Belem, todas, porém, mais ou menos obedecendo ao typo das edificações campineiras dos velhos tempos.

Certa occasião, um pequerrucho, admirando um daquelles panoramas, ficou surprehendido com o que viu, e exclamou:

— Mamãe, olhe lá em cima, a matriz nova!

Aquella miscelanea de factos historicos, antigos e modernos, attractivos e dos melhores para as familias e para todos em geral, ficava sob uma cupula forrada de fazenda azul, recamada de estrellinhas de papel dourado, vendo-se anjinhos plados, suspensos e presos no "céu", a cordões. Um entre elles, o maior do bando, bem alto, segurava uma fita azul em que se lia em letras douradas este hymno angelical — "Gloria in excelsis Deo". Em alguns dos presepios havia musica, de rabeça, ou de piano, durante a visitação.

Essas scenas deslumbrantes para as crianças de ha cincoenta annos, escoaram-se, lentamente, com o decorrer do tempo, desfazendo-se entre as brumas de longinquo passado, e aos velhos campineiros, de hoje, despertam recordações, como verdadeiro lenitivo espirital no melancolico deserto de uma grande saude.